

Crônicas do Socorro III



Ficha técnica

Regimento de Sapadores Bombeiros

Título **Crónicas do Socorro III**

Coleção **Crónicas do Socorro**

Coordenação **Carla Boto Pereira, Miguel Gil**

Textos **Paula Serafim**


Revisão **Ana Loureiro**

Design **Isilda Marcelino**

Tiragem **200 exemplares**

Depósito Legal **485713/21**

Edição **Lisboa, 2021**

Foto de capa: Destruição provocada pelo terramoto de 23 de abril de 1909. Arquivo Municipal de Lisboa. PT/AMLSB/EFC/000483.  Sojournal

A coleção *Crónicas do Socorro* pretende dar a conhecer a importância dos Bombeiros e do Serviço de Incêndio de Lisboa, através de episódios significativos da sua História.



Crônicas do Socorro

III



Ferramentas de socorro: Machado; enxada de bicos; alavanca e enxada © Júlio Barreiros

Crónicas de Socorro III

Num final de tarde de abril de 1909, em terras do Ribatejo, fez-se sentir um avassalador sismo de magnitude 6,7 na escala de Richter, que terá durado 22 segundos com réplicas durante vários dias.

Os periódicos da época relatam que o sismo de 23 de abril de 1909 provocou cerca de quarenta mortos e setenta feridos no concelho de Benavente e que os números poderiam ter sido mais dramáticos caso a maioria da população não estivesse ainda a trabalhar nos campos à hora em que ocorreu.





O grau de destruição foi maior na vila de Benavente onde 40% das habitações ficaram totalmente destruídas, outras tantas sem condições de habitabilidade e apenas 20% recuperáveis, mas a miséria e a pobreza aumentadas por esta catástrofe nesta vila ribatejana e nas circunvizinhas não deixou ninguém indiferente.

Por todo o país continental e ilhas e até mesmo no estrangeiro se puseram em marcha bandos precatórios em ondas de solidariedade com a realização de subscrições e récitas de caridade com o objetivo de angariar fundos de ajuda aos desalojados para a reconstrução e recuperação destas localidades.

Benavente, 23 de abril de 1909.
Arquivo Municipal de Lisboa.
PT/AMLSB/EFC/000472
©Sojornal



O serviço de socorro do Corpo de Bombeiros Municipais de Lisboa em Benavente

O relógio assinalava poucos minutos depois das 17h00 do dia 23 de abril. Um abalo sísmico de grande magnitude fez-se sentir em muitas cidades e vilas de Portugal, provocando a destruição de casas e a perda de vidas humanas.

A Imprensa da época noticiava nas primeiras páginas os serviços de socorro como heroicos perante o sentimento profundo da lamentável desgraça que assolara, sobretudo, a região ribatejana.

A ciência sismológica, ainda pouco desenvolvida, apresentava pareceres de alguns especialistas dos diversos observatórios meteorológicos sobre o evento, desde a sua hora inicial até à sua duração e intensidades, procurando dar uma melhor compreensão do fenómeno. O tremor de terra é desde a sua hora inicial, classificado como de grande magnitude e intensidades variáveis, conforme a região do país onde fora sentido.



Destruição provocada na igreja matriz,
23 de abril de 1909. Arquivo Municipal
de Lisboa. PT/AMLSB/EFC/000470
© Sojornal





A zona atingida por maiores intensidades destacava-se no mapa numa área quase em círculo, dividida pelo rio Tejo, que abrangia Muge, Alcochete, Samora Correia, Coruche, Salvaterra, Benavente, Cartaxo, Alenquer, Carregado, Alverca, Vila Franca de Xira, Santa Iria de Azóia e Lisboa.

Benavente foi uma das povoações que mais impacto sofreu com o abalo de terra e, tal como outras povoações circunvizinhas, caracterizava-se por estar assente em terrenos de aluvião pouco resistentes cujas edificações não obedeciam às regras de construção e os materiais empregues não eram da melhor qualidade, estando assim reunidas as condições favoráveis às derrocadas e à consequente perda de vidas.

No dia 24 de abril, o chefe da 2.^a Divisão do Corpo de Bombeiros Municipais de Lisboa (CBML), Luís Caetano Pereira de Carvalho recebe ordem para partir no comboio das 8h20 da manhã, com um piquete de sessenta bombeiros, em direção à estação de caminho de ferro de Muge, a fim de prestar socorro à população da vila de Benavente, onde eram anunciadas “*mortes e ferimentos de muitos habitantes e casas destruídas*”, como consequência do tremor de terra do dia anterior.

Os destroços da igreja matriz após o terramoto de 23 de abril de 1909. Arquivo Municipal de Lisboa. PT/AMLSB/EFC/000479 @Sojornal





Neste comboio seguiam também o infante D. Afonso, irmão do rei D. Carlos I, e o ministro das Obras Públicas, D. Luís de Castro, para avaliarem os estragos e ainda uma força da polícia civil, várias entidades oficiais e enfermeiros voluntários dos hospitais da capital, todos solidários no auxílio a prestar à população.

À sua chegada, por volta das 11h00, o piquete é formado na gare onde são dadas ordens e distribuídas ferramentas necessárias ao trabalho que iam enfrentar. Estes bombeiros fazem-se à estrada e percorrem a pé cerca de 12 Km, descansando apenas meia hora durante o trajeto. Às 14h35, chegados à vila de Benavente deparam-se com um cenário catastrófico.

Divididos em vários grupos, o piquete do Corpo de Bombeiros Municipais de Lisboa de imediato dá início ao resgate de sobreviventes, à busca de cadáveres debaixo dos escombros dos edifícios e à retirada de bens que pudessem ainda ser aproveitados. As informações e os esclarecimentos das autoridades da vila, que ansiosamente os esperavam, revelaram-se fundamentais.

Destruição provocada pelo terramoto de 23 de abril de 1909.
Arquivo Municipal de Lisboa.
PT/AMLSB/EFC/000483 – pormenor © Sojornal



É durante o trabalho de exploração dos entulhos que chega um pedido de auxílio urgente às vítimas de Salvaterra e, prontamente, o chefe Luís Caetano Pereira de Carvalho destaca um grupo de oito bombeiros, comandados pelo chefe da 5.ª Secção, Vitor Pedroso, para aí se dirigir de imediato.

Os trabalhos em Benavente terminaram por volta das 18h00 desse dia e todo o pessoal de socorro foi reunido no largo da Câmara, onde lhes foi servida a primeira refeição e montado o acampamento para repouso, cujas condições em nada permitiam o descanso merecido.

Antes da madrugada, o chefe Luís Caetano Pereira de Carvalho, ao ver que os seus bombeiros iriam passar muito frio a dormir ao relento, ordenou que se fizessem fogueiras com as madeiras dos entulhos e que todos recebessem um café quente de modo a terem um pouco mais de conforto.

Pelas 5h00, antes do nascer do sol, o piquete é formado em novos grupos para continuar a busca no caos de escombros em que se encontrava grande parte da vila.

Os chefes de cada grupo haviam recebido ordem para avisar com prontidão o aparecimento de qualquer cadáver, a fim de se proceder à sua imediata retirada para o cemitério, receando-se os efeitos do estado de decomposição.







Neste dia 25 de abril, os Bombeiros Municipais de Lisboa encontraram oito cadáveres. Quatro eram crianças, dois jovens na casa dos vinte anos e dois outros, uma mulher e um homem, já mais velhos. O primeiro encontrado por volta das 6h00 da manhã, debaixo de uma parede de casa e o último, cerca das 15h00, debaixo de parte de um prédio.

Todos apresentavam a mesma causa de morte como anotou o chefe dos bombeiros: *“denotava ter sido atingido pela derrocada da parede (...) achava-se com o craneo esmagado”*; *“estava de braços com o craneo esmagado e pernas fraturadas, sob o entulho”*; *“tinha fraturas de braços e pernas com o craneo esmagado (...) envolto em entulho”*; *“com o craneo esmagado e braços mutilados debaixo do entulho”* ou *“estava horrivelmente mutilado sob os entulhos de 3 metros”*.

O trabalho exaustivo da remoção de entulhos e da retirada de corpos, bem como a falta de condições das deslocações dos mesmos para o cemitério, foram as razões que motivaram o chefe Luís Caetano Pereira de Carvalho a ordenar como findo o dia de trabalho às 16h30. O trabalho tinha sido tão violento, física e moralmente, que mandou reunir o pessoal e ordenou que descansassem e tomassem a refeição da tarde.

Arquivo Municipal de Lisboa.
PT/AMLSB/EFC/000480 © Sojornal



Contudo, durante o descanso, acercou-se do grupo um indivíduo dizendo que numa rua, à saída da vila, havia um pronunciado mau cheiro e uma mulher chorava a perda de uma criança. Após verificação, o chefe do piquete, Vítor Pedroso, ordenou imediatamente que um grupo de quinze bombeiros armados de ferramentas procedesse ao desentulho do local. Foi, então, encontrada a nona vítima de cinco anos que “*tinha o cráneo esmagado*”.

No dia 26 de abril, pelas 6h00 da manhã, as operações foram retomadas. Os Bombeiros Municipais de Lisboa começaram por demolir paredes de cerca de setenta casas que ameaçavam ruir e prestaram auxílio aos cento e oitenta sobreviventes que encarecidamente pediam ajuda, trabalhando incansavelmente durante horas.

Por volta das 11h00 foi dada uma refeição, mas logo de seguida o labor continuou até quase às 18h00, hora de descanso e da refeição da noite.

Apenas ao fim da tarde deste dia, perante o trabalho árduo e exímio dos Bombeiros Municipais de Lisboa e do seu chefe, Luís Caetano Pereira de Carvalho, na organização dos serviços de socorro e na busca sob os escombros, bem como no auxílio aos sobreviventes e prevenção de outros possíveis desastres de derrocadas iminentes, foram colocados ao dispor cobertores



População desalojada e destruição provocada pelo terramoto de 23 de abril de 1909. Arquivo Municipal de Lisboa.
PT/AMLSB/EFC/000477 @Sojornal





e esteiras, “*distribuindo-as pelo pessoal que n’essa noite descansou em condições mais aceitáveis*”.

Nesse mesmo dia 26 de abril, por volta das 15h00, chegaram ao acampamento, junto da Câmara de Benavente, dois automóveis com alguns superiores do Corpo de Bombeiros Municipais de Lisboa transportando mantimentos, o que “*despertou no pessoal uma grande animação*” e ainda transmitida a ordem do comandante do CBML, dirigida ao chefe Luís Caetano Pereira de Carvalho “*para retirar com todo o piquete no dia seguinte*”.

Como as réplicas do abalo de terra se fizeram sentir durante vários dias, os Bombeiros Municipais de Lisboa, pelas 6h00 da manhã do dia 27 de abril, ainda procederam à demolição de um prédio no mesmo largo onde estava o acampamento dos socorristas, por apresentar grande risco de queda das paredes em ruínas.



Benavente, 23 de abril de 1909.
Arquivo Municipal de Lisboa. PT/AMLSB/EFC/000471 @Sojornal



Um trabalho deveras difícil pelo perigo constante. Executada por quarenta e três homens, divididos em pequenos grupos sob as orientações do chefe Luís Caetano Pereira de Carvalho, a demolição demorou cerca de seis horas ininterruptas, com registo, pelo meio, da queda de um bombeiro o qual felizmente não teve consequências graves, apenas o susto.

Após o almoço desse dia, reunidos todos os pertences e levantado o acampamento, o piquete inicia o regresso a Lisboa.

BENOLIEL, Joshua. Exôdo da população após o terramoto de Benavente. Arquivo Municipal de Lisboa. PT/AMLSB/CMLSB/AH/PCSP/004/JBN/002832



Depois de passarem algumas peripécias no caminho até à estação de comboios de Muge, ali chegaram por volta das 21h00, juntando-se-lhes o grupo de socorro chefiado pelo chefe da 5.ª Secção, Vitor Pedroso, que havia ido prestar auxílio, no dia 24, às vítimas de Salvaterra. Exaustos, embarcaram todos no comboio das 21h40 com destino a Lisboa.

O chefe da 2.ª divisão, Luís Caetano Pereira de Carvalho, tendo estado permanentemente no terreno a comandar as operações, termina o relatório das ocorrências expressando, de forma sentida, as seguintes palavras: *“sinto-me orgulhoso por me ter encontrado com um grupo de homens cuja coadjuvação foi de uma irrepreensível dedicação, valor e abnegação aos mais arriscados serviços (...) e peço licença para frizar que decerto terá sido muito agradável que o serviço se realizasse sem desastres muito possíveis em tão penosos e arduos trabalhos a que tive de sujeitar o grupo de bombeiros que comandeí, tudo devido á pericia, boa vontade e disciplina do mesmo grupo”*.

A qualidade extraordinária em ser solidário para com as vítimas desta catástrofe foi demonstrada imediatamente. Por todo o país, embora com maior incidência em Lisboa, foram postos em marcha peditórios por grupos organizados, foram abertas subscrições para auxílio dos sobreviventes de Benavente, bem como das outras localidades ribatejanas atingidas pelo tremor de terra.







A Imprensa da época noticiava as mais diversas iniciativas encabeçadas por políticos, comerciantes, operários, atores e povo em geral, com o objetivo de ajudar as populações mais necessitadas na reconstrução das suas localidades.

O Mundo, de 27 de abril, na primeira página noticiava: “*O Mundo abre uma subscrição destinada especialmente a valer aos habitantes do concelho de Benavente (...) convida particularmente os seus correligionários a concorrerem para esta subscrição (...)*”. Noticiava também sobre subscrições abertas por outras entidades e associações, assim como manifestações de condolências e eventos a realizar para recolha de fundos.

BENOLIEL, Joshua. Bando precatório do Corpo de Bombeiros Municipais de Lisboa. Arquivo Municipal de Lisboa. PT/AMLSB/CMLSB/PCSP/004/JBN/001625





No dia 28 de abril, o mesmo jornal, entre outros comunicados, alertava a população para “*O bando precatório dos bombeiros municipais começarão a percorrer as ruas da capital, para o peditório a favor das vítimas na quinta-feira, dia 29*”. Nesse mesmo dia, no jornal diário *O Mundo*, lia-se que a organização do mesmo bando precatório incluía bombeiros voluntários, revelando o itinerário por onde iriam passar para que todos os cidadãos soubessem e pudessem contribuir com as suas ofertas.

Inúmeras foram as entidades, instituições públicas e privadas, quer nacionais quer internacionais que, de forma espontânea, se empenharam em reunir ajuda monetária para as populações atingidas pelo sismo. Todos, de uma forma geral, quiseram ajudar as vítimas desta catástrofe a que não faltaram, mais uma vez, os bombeiros do município de Lisboa.







BENOLIEL, Joshua. Bando precatório dos estudantes
a favor das vítimas do terramoto de Benavente.

Arquivo Municipal de Lisboa. PT/AMLSB/CMLSBHA/PCSP/004/JBN/001455





Fonte

Corpo de Bombeiros Municipais de Lisboa,
1909. *Partes de fogo e serviços diversos*
– Abril, folha de ocorrências de 23 de abril.



BENOLIEL, Joshua. Bando precatório dos Bombeiros
Municipais pelas ruas de Lisboa.
Arquivo Municipal de Lisboa.
PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/JBN/001624

Endereço telegrafico MUNDO, Lisboa ASSIGNATURAS

Publicação mensal de 10 folhas... Preço de cada exemplar...

Numero avulso 10 reis... Rua de S. Roque, 95 a 103 LISBOA

OPINIONARIO

Numero telefonico 1476 COMUNICADOS E ANUNCIOS

Redação e administração Rua de S. Roque, 95 a 103 LISBOA

OPINIONARIO DO CONGRESSO REPUBLICANO

Benavente completamente destruida

O honrado franquismo

Quá não sei o que a esta hora, a respeito deste horroroso episódio franquista... O possível que haviam preferido e acolhido, sobre deão línia, não era...

DIZ-SE

Que se há já grande discussão em Lisboa... Que se não foram todos os estafetas para sair e se, todavia, há alguém...

O TREMOR DE TERRA

Benavente completamente destruida... O que se passou em Lisboa O que houve lá por fora

O CONGRESSO REPUBLICANO

gacem pela afirmação de forças que não tinham a espera... A terceira sessão

O CONGRESSO REPUBLICANO

Presidente o sr. Dr. Almeida Xavier, que pediu o Congresso para a terceira sessão

O CONGRESSO REPUBLICANO

Aberti a inscrição para entre da ordem do dia... O Partido Republicano deve abrir uma grande subscrição



Dr. Alfredo Bastardo

—Mas, pôde ponto final, em matéria de irregularidades administrativas e fisco-fiscaes... Não se sentia, ao tempo que esta nova...

—Que a justiça não se salte nada já chegou a Lisboa... Que a justiça não se salte nada já chegou a Lisboa...

—Que a justiça não se salte nada já chegou a Lisboa... Que a justiça não se salte nada já chegou a Lisboa...

—Que a justiça não se salte nada já chegou a Lisboa... Que a justiça não se salte nada já chegou a Lisboa...

—Que a justiça não se salte nada já chegou a Lisboa... Que a justiça não se salte nada já chegou a Lisboa...

—Que a justiça não se salte nada já chegou a Lisboa... Que a justiça não se salte nada já chegou a Lisboa...

—Que a justiça não se salte nada já chegou a Lisboa... Que a justiça não se salte nada já chegou a Lisboa...

Depois, estas lavouras, que, nos faldões montados da sua interior...

Depois, estas lavouras, que, nos faldões montados da sua interior...

Depois, estas lavouras, que, nos faldões montados da sua interior...

Depois, estas lavouras, que, nos faldões montados da sua interior...

Depois, estas lavouras, que, nos faldões montados da sua interior...

Depois, estas lavouras, que, nos faldões montados da sua interior...

Depois, estas lavouras, que, nos faldões montados da sua interior...

Bibliografia

Dinis, José de Oliveira Ferreira, 1910. *Contribuição para o estudo dos tremores de terra em Portugal: o abalo sísmico de 23 de Abril de 1909*. Lisboa: Imprensa Nacional.

1909, 25 de abril. Os efeitos do tremor de terra. *O Mundo*, p. 1

1909, 27 de abril. Para Benavente! *O Mundo*, p. 1

1909, 28 de abril. Bandos precatórios. *O Mundo*, p. 2

1909, 29 de abril. O bando precatório de hoje. *O Mundo*, p. 2





CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
REGIMENTO DE SAPADORES BOMBEIROS
Av. D. Carlos I, 1249 – 071 Lisboa